

POR UMA PAMPA-ÁGUA PLURIVERSA: USOS, MANEJOS E RELAÇÕES HIDROSSOCIAIS A PARTIR DA ANTROPOLOGIA

JULIANA DOS SANTOS NUNES¹; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH²

¹*Universidade Federal de Pelotas – rodaviva.nunes@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem a finalidade de estudar e investigar, a partir dos referenciais teóricos e metodológicos da antropologia, as relações hidrossociais que se compartilham entre aquelas e aqueles que vivem na pampa-sul-brasileira, os usos e manejos dos recursos hídricos, bem como os possíveis conflitos pelo acesso e sua escassez, levando em consideração os modos de saber-fazer praticados entre o campo e a cidade, especialmente em comunidades assentadas pela luta do MST, no município do Capão do Leão.

O trabalho que se pretende seguir é um desdobramento e uma continuidade das reflexões que despertaram durante a feitura de minha dissertação de mestrado, especialmente ao longo dos anos de 2019 e 2021 nos quais fiz um percurso entre as bordas dos rios e lagoas, percebendo as interações entre as águas e também os conflitos relativos ao seu acesso e potabilidade, dando respaldo para pensar sobre a situação dos corpos hídricos.

Percorrendo essas planuras e lonjuras, passei a compreender, não de maneira solitária, os dilemas vivenciados pelas famílias agricultoras do município do Capão do Leão, assim também na zona urbana, no que tange o acesso aos recursos hídricos, desde os critérios de potabilidade (TEIXEIRA et al., 2011), aos manejos de fontes, açudes, poços artesianos, águas subterrâneas, dentre outras formas, bem como sua qualidade para o consumo dos humanos e dos animais.

A Comunidade do Assentamento 24 de Novembro ocupa 442 hectares da Fazenda da Palma, pertencente à Universidade Federal de Pelotas, situada no município do Capão do Leão, desde 1992, produzem em regime de economia familiar e cada núcleo dispõem de 20 hectares para sua própria produção (RIBEIRO; SALAMONI, 2011) que posteriormente é comercializada no entorno da cidade e também na Feira da Agricultura Familiar.

É a partir desse “mosaico pampeiro” (LIMA, 2021) que começamos a perceber a composição da paisagem hídrica (FRAGOSO, 2019) nos espelhos d’água, açudes, banhados, lagoas, rios, cacimbas e as relações hidrossociais que se constituem a partir desses corpos aquáticos e que, por fim, constroem o território, entre água e terra.

2. METODOLOGIA

A metodologia proposta para a presente pesquisa tem como finalidade a construção de uma etnografia, explorando-a amplamente, em toda a sua potencialidade de produção do conhecimento: “etnografia não é método; toda a etnografia é também teoria [...] se é boa etnografia, será também contribuição teórica.” (PEIRANO, p.383, 2014). O método escolhido é a observação participante (Foote-Whyte, 1975), com o intuito de buscar uma melhor

aproximação com os interlocutores e interlocutoras, visando alcançar o “ponto de vista nativo”, que Malinowski (1978) nos ensina.

Além disso, busca-se pensar numa abordagem atencional e participativa junto às famílias agricultoras do Assentamento 24 de Novembro, priorizando as caminhadas pelas propriedades, especialmente junto aos corpos hídricos e a produção. Visa-se refletir geograficamente sobre o espaço, buscando conhecer as vivências das pessoas que ocupam esse lugar.

Pensa-se nas categorias que levam ao deslocamento do olhar, ou como refere Tim Ingold (2015) na educação do olhar, trazendo as sensações corporais e sensíveis para dentro do diário de campo, técnica que será amplamente utilizada durante toda a pesquisa. Além desta, pretende-se realizar entrevistas, quando necessário, junto às comunidades e pessoas que farão parte deste projeto de pesquisa. Pode-se, assim, pensar, também, numa metodologia conforme explicita Holbraad (2014): “*crear las condiciones bajo las cuales uno puede ver las cosas en sus datos etnográficos, que de otro modo, nunca hubiera visto.*” (p.131). Neste sentido o autor nos colocar uma metodologia a partir do giro ontológico, como uma forma de reflexividade para o campo antropológico, mas também como um *modus operandi*, “*que esta reorientación metodológica implica, llamando la atención en especial a la inversión básica que implica entender el problema del cristal con el que se mira como un problema ontológico.*” (p.132). Portanto, pensar numa metodologia que vai ao encontro do giro ontológico desde as bases teóricas que fundamentam esta pesquisa, até a compreensão de um novo espectro pelo qual se pode mirar uma antropologia latino-americana.

Também se conta com o auxílio da literatura antropológica, da música local, da literatura, especialmente João Simões Lopes Neto, Aldyr Garcia Schlee, Jorge Luis Borges, Silvina Ocampo, da fotografia e recortes de jornais, para compreender a multiplicidade da pampa sul-brasileira.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A manhã estava fria e cinzenta, caía uma névoa sobre os campos, uma librina enevoada, mal dormi na noite anterior de tanto algariamento pela saída de campo até o assentamento, na propriedade de Adriana, feirante e agricultora com quem converso nas feiras. Levantei-me cedo, pois não podia me atrasar, a saída estava marcada para às 9h00 e de pronto atravessou aquele frio na barriga, misturado com alegria pelo encontro.

Embarquei no carro onde estava o motorista, juntamente com Danilo que atualmente trabalha em um cargo de confiança, na qualidade de agrônomo, sendo ele o responsável pela saída, com a finalidade de levar alguns moradores do bairro Jardim América para conhecer a plantação e assim dar continuidade na horta comunitária que estão montando, uma ação da Secretaria de Assistência Social e CRAS.

O lugar não é longe da cidade, porém não dá para se deslocar a pé. É preciso andar pela BR 116, atravessando-a para alcançar a entrada do assentamento e seguir por uma estrada de terra. Nos pontos mais altos do percurso, é possível ver o arroio Padre Doutor e seus banhados, seguindo imponente e soberano rumo ao canal São Gonçalo. Além disso, podemos notar que é uma região cercada pela monocultura, especialmente de arroz, e também pelo grande latifúndio, o que evidencia a constituição desse “mosaico” dentro da pampa.

Em termos de acesso à água, o assentamento possui duas barragens, no entanto, a água, segundo as interlocutoras, não é potável.



A propriedade visitada pertence a Adriana e Valdair, seu companheiro, possui em torno de 20 hectares e atualmente tem a cedência da terra pelo INCRA. Nesse lugar eles produzem alimentos orgânicos, criam porcos e vacas. Há também uma plantação de bananeiras em meio ao banhado, tendo origem no arroio Padre Doutor.

Na grande horta a vida floresce intensamente, pois ali estão as couves, alfaces, beterrabas, mostardas, pimentões, cenouras, salsinhas, cebolinhas, cebolas de cabeça e aipim. Foi no meio da horta, com frio tremendo entrando pelos nossos corpos, que Valdair explicou a diferença da terra e qual alimento precisa de mais ou menos água. Ele disse: *na terra encharcada não se pode plantar cenoura, porque apodrece, cenoura precisa estar mais fundo na terra, diferente da beterraba.*

Essa frase marcou de maneira significativa minha atenção e fiquei, literalmente, encharcada por aquelas palavras, pensando na umidade e na necessidade do corpo daqueles alimentos, não somente isso, mas novamente a ideia de uma terra líquida, encharcada, estava diante dos olhos, sendo vivenciada por eles naquela grande horta. Ao final de nossa visita, Valdair fez a gentileza de ligar o sistema de irrigação, parecia um verdadeiro sonho olhar aquela água dançando entre alfaces e beterrabas, um verdadeiro corpo de baile!

Assim, tomada por diversas questões, despedi-me com a promessa e compromisso de voltar, sendo o convite reforçado por Adriana que me deu um abraço. Segui indo às feiras, conversando e indagando cada vez mais, porém nas últimas semanas Adriana encontra-se com sua mãe enferma e não conseguiu se deslocar até a cidade.

4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa encontra-se em andamento, sendo o primeiro semestre de contato com a comunidade que se deseja desenvolver com apuro e cuidado a presente tese de doutorado, no entanto algumas divagações dessa saída de campo já suscitou alguns questionamentos e, sem sombra de dúvidas, o “antropocego” como nos diz Marisol de la Cadena (2019), está presente e circundando fisicamente aquele lugar.

Qual seja, um assentamento, onde diversos trabalhadores em busca de terra a conquistaram, ocupando-a materialmente e socialmente. Porém, em volta há diversas monoculturas, próximas à comunidade, dispondo e poluindo as águas que poderiam ser compartilhadas, mas não são, narrativas que foram comumente ouvidas durante o percurso de visitação à propriedade.

Assim comecei a compreender os equívocos (não tão controlados como propõem Viveiros de Castro, 2018), o dissenso e a violência do estado e de outros produtores com relação a ocupação popular da terra e também pelo que se produz nessa mesma terra, passando a vivenciá-la e construí-la de maneira pluriversa (Escobar, 2016) indo de encontro com aquilo que aprendemos a compreender e visualizar como pampa: no masculino, sem envolvimento, da monocultura e o grande latifúndio.

Seria “cedo ou tarde demais pra dizer adeus?” feito a letra dos Titãs, porém essa pequena história antropológica, cheia de eus e contra-eus, de terras que se encharcam e nos colocam no meio do lodo, do caldo da vazante, de onde tudo brota, dos charcos e banhados, diz um até breve, para poder seguir caminhando e seguindo as pistas dessa “pampa-água” pluriversa.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. **Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo.** LeYa, São Paulo, 2013.
- BLASER, Mário. Reflexiones sobre la Ontología Política de los Conflictos Medioambientales. **América Crítica** 3(2): 63-79, 2019.
- CADENA, Marisol de la. Natureza incomum: histórias do antropo-cego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p.95-117, abr. 2018
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. A Antropologia Perspectivista e o método da equivocação controlada. Tradução de Marcelo Giacomazzi Camargo e Rodrigo Amaro. Aceno – **Revista de Antropologia do Centro-oeste**, 2018.
- ESCOBAR, Arturo. Sentipensar con la Tierra: Las Luchas Territoriales y la Dimensión Ontológica de las Epistemologías del Sur. **Revista de Antropología Iberoamericana**. Volumen 11, número 1, enero- abril, Madrid, 2016.
- ECKERT, Cornélia; Rocha, Ana Luiza Carvalho da. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografia da duração. **Revista Rua**, Número 16 – volume 1, Campinas, 2010.
- INGOLD, Tim. **Antropologia e/como Educação.** Editora Vozes, Petrópolis, 2020.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Companhia das Letras, 2020.
- NUNES, Juliana dos Santos. “Pra fora também é a Lagoa”: Uma etnografia poética das águas na fronteira Brasil-Uruguay. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia, UFPel, Pelotas, 2021.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia da duração:** antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas / Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert. – Porto Alegre: Marcavvisual, 2013.
- TITÃS. **Pra dizer adeus.** Acústico MTV.
<https://www.youtube.com/watch?v=URSZ-oF0mO0>
- VELHO, Gilberto. O Antropólogo Pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: **O Desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia Brasileira.** Editora Campus, Rio de Janeiro, 1980.